

MAPEAMENTO CULTURAL JANDUÍ

Figuras Populares | Ofícios e Modos de Fazer | Histórias Locais
Manifestações Culturais e Eventos | Instituições e Entidades
Lugares, Prédios e Construções.



Primeiro Ciclo: Maio e Junho

Categoria: Figuras Populares



“O Mapeamento Cultural é o espelho da nossa identidade,
revelando a riqueza da diversidade cultural existente em Janduís/RN.”

Realização: Prefeitura Municipal de Janduís - PMJ

Fundação Cultural Mestre Dadá - FUNCULT

Prefeito: Elvécio Gurgel de Sales

Vice Prefeito: Raimundo Canuto de Brito

Roteiro, Redação e Edição:

Ketilly Karoline Pimenta Garcia (Diretora Presidente da FUNCULT)

Tallys Emiliano da Silva (Coord. Administrativo e Financeiro da FUNCULT)

Paulo Vitor da Silva Lopes (Coord. De Políticas Culturais da FUNCULT)

Weslley Rondinneli Lopes da Silva (Coord. De Formação Musical da FUNCULT)

SUMÁRIO

1 – Introdução	4
1.1 – Conceitos	4
1.1 – Conceitos	5
1.2 – Categoria	5
2 – Figuras Populares	7
2.1 – Alberto Gomes dos Santos	8
2.2 – Antônio Marcos de Lima	9
2.3 - Maria Edileuza Vieira Gurgel de Medeiros	10
2.4 - Maria da Conceição Arruda Fernandes	11
2.5 – Jailma Emiliana dos Santos	12
2.6 – Antônio Cácio dos Santos	13
2.7 – Lenilda Cirila da Silva	14
2.7 – Lenilda Cirila da Silva	15
2.8 - Alvaní Vieira da Costa Almeida	16
2.9 – Isabel da Conceição Filha	17
2.10 - Lourinalda Almeida Gurgel	18
2.10 - Lourinalda Almeida Gurgel	19
2.11 – Raimundo Canuto de Brito	20
2.12 - Lindemberg da Silva Bezerra	21
2.12 - Lindemberg da Silva Bezerra	22
2.13 – Valdécio Fernandes Rocha	23
2.13 – Valdécio Fernandes Rocha	24
2.14 - Raimundo Gurgel dos Santos	25
2.14 - Raimundo Gurgel dos Santos	26
2.15 – Josivan Melo da Silva	27
2.15 – Josivan Melo da Silva	28
2.16 – Salomão Gurgel Pinheiro	29
2.16 – Salomão Gurgel Pinheiro	30

2.17 - Lázaro Joaquim Roberto (In Memoriam)	31
2.17 - Lázaro Joaquim Roberto (In Memoriam)	32
2.18 – Aldair José de Lima (In Memoriam)	33
2.18 – Aldair José de Lima (In Memoriam)	34
2.19 – Severina Ferreira de Lima (In Memoriam)	35
2.19 – Severina Ferreira de Lima (In Memoriam)	36
2.20 - Narciso Fernandes de Souza (In Memoriam)	37
2.21 - Francisca Antonina da Silva (In Memoriam)	38

INTRODUÇÃO

O Mapeamento Cultural de Janduís é realizado pela Prefeitura Municipal de Janduís, através da Fundação Cultural Mestre Dadá –FUNCULT, em cumprimento a meta 2, do Plano Municipal de Cultura, Lei 430/2012, de 26 setembro de 2012, revisado pela Lei 518/2018, de 14 de dezembro de 2018.

Esta ação busca envolver as referências culturais do município no universo do patrimônio material e imaterial, registrando pessoas, atividades e monumentos que estão na memória da comunidade. A proposta busca contemplar os critérios de representatividade artística, geográfica, étnica e de gênero.

O Mapeamento das Expressões Culturais do Município se concretiza através do trabalho de campo, realizado pela equipe da Fundação Cultural Mestre Dadá com coleta de dados nas seguintes áreas: manifestações culturais e eventos; ofícios e modo de fazer; lugares, prédios e construções; figuras populares; histórias locais; instituições e entidades locais; além de outras áreas que podem ser indicadas em reuniões do Fórum Municipal de Cultura e assembleias do Conselho Municipal de Política Cultural – CMPC.

Mapear é um processo de identificação, registro e organização de elementos culturais de uma determinada região ou comunidade. Ele serve para documentar a diversidade cultural, valorizar a identidade local e subsidiar políticas públicas e ações culturais. É uma ferramenta poderosa para fortalecer a cultura local, promover o desenvolvimento e garantir o acesso à cultura para todos.

CONCEITOS IMPORTANTES PARA O TEMA

1. Cultura

Cultura como sinônimo de vida, de tudo que somos e produzimos e também de tudo que nos cerca.

2. Patrimônio

Conjunto de bens culturais, materiais e imateriais, que levam em si valores e significados que podem ser transmitidos às gerações futuras.

3. Mapeamento

É o processo de representar, de forma visual ou sistemática, informações sobre um determinado assunto ou área.

4. Memória Local

Conjunto de lembranças e histórias relacionadas a um determinado lugar, seja uma cidade, bairro, comunidade ou região. Essa memória é construída através das experiências, vivências e narrativas dos seus habitantes, e se manifesta em espaços físicos, objetos, eventos e tradições.

5. Preservação Cultural

Refere-se ao ato de proteger e manter vivos os elementos que compõem a identidade cultural de um povo ou região.

6. Valorização Cultural

Refere-se ao processo de reconhecimento, apreciação e promoção das diversas manifestações culturais de um grupo ou sociedade

7. Diversidade Cultural

Refere-se à variedade de culturas existentes no mundo, com suas distintas formas de expressão, como línguas, tradições, culinária, religião, costumes, entre outros. É um conceito que engloba a riqueza e a pluralidade de manifestações culturais, reconhecendo as diferenças e particularidades de cada grupo social.

PRIMEIRA CATEGORIA: FIGURAS POPULARES

Figuras Populares são personalidades que contribuíram e/ou contribuem com o desenvolvimento do município através das diversas áreas existentes como história, memória, política, educação, desenvolvimento social, cultura, expressões artísticas e entre outras.

São pessoas comuns ou públicas que estão ligadas a história e a memória de Janduís. E, através do Mapeamento Cultural terão suas histórias de vida valorizadas e conhecidas pelas novas gerações.

Palavras-chaves: Mapeamento Cultural, Diversidade Cultural, Memória Local, Preservação, Valorização.

CATEGORIA FIGURAS POPULARES

Alberto Gomes dos Santos

Alberto Gomes dos Santos, nascido no dia 03 de novembro de 1946, na cidade de Janduís/RN, filho de Manoel Martins e Raimunda Gomes dos Santos, popularmente conhecido como “Seu Alberto”, é uma figura emblemática da cidade de Janduís (RN). Agricultor por vocação e coração, também se destacou ao longo da vida como sindicalista, candidato político, leiloeiro, marcador de quadrilhas e servidor público, sempre guiado por seu compromisso com a comunidade e a cultura popular.



Casado com Elizabeth, com quem teve três filhos, Seu Alberto possui uma trajetória marcada pelo trabalho, pela fé e pelo carisma. Iniciou ainda criança, aos sete anos de idade, sua jornada na agricultura, auxiliando familiares nos afazeres do campo. Nos momentos de lazer, cultivava a paixão pelo futebol. Seu talento com a bola chamou atenção e, aos 15 anos, foi convocado para a seleção de futebol de Janduís, recebendo o apelido de “Dr. Alberto” pela destreza em campo. No entanto, uma grave lesão em um jogo contra um time da cidade de Patu/RN encerrou precocemente sua carreira esportiva. Apaixonado pelas manifestações culturais, especialmente pela dança, começou a dançar quadrilha em 1960. Em 1965, foi convidado a marcar a primeira quadrilha da cidade de Janduís, dando início a um novo capítulo em sua história. Sua habilidade e desenvoltura o tornaram um dos marcadores mais requisitados da região. Homem de fé, é devoto de Santa Teresinha, devoção aprendida com sua tia, “Chica da Igreja”.

Em 1966, gritou seu primeiro leilão em benefício ao Clube das Mães de Janduís, iniciando sua trajetória como leiloeiro — ofício que segue exercendo até hoje, com energia e dedicação. Em 1978, iniciou sua atuação sindical no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Janduís (SINTRAF), onde exerceu dois mandatos como presidente. Em 1982, foi convidado para compor a chapa como vice-prefeito ao lado de Dr. Onézimo Maia. Embora não eleito, foi posteriormente nomeado Secretário de Agricultura pelo então prefeito Dr. Salomão Gurgel. Em 1992, lançou-se candidato a vereador, sendo eleito com 122 votos como o quarto mais bem votado da cidade. Tentou a reeleição e, embora tenha perdido por apenas 3 votos, assumiu como suplente por 1 ano e 6 meses. Em sua terceira candidatura, novamente ficou na suplência por 1 voto, assumindo por mais 1 ano e 2 meses. Além de sua atuação política e sindical, construiu uma história de 37 anos na Escola Estadual Professor Daniel Gurgel, com a carteira assinada desde 26 de maio de 1986. Reconhecido como um verdadeiro guardião da escola, conquistou o respeito e a admiração de alunos, professores e diretores que por lá passaram.

Com sua vida dedicada ao trabalho, à cultura, à fé e à coletividade, Seu Alberto é símbolo de resistência, generosidade e memória viva da história de Janduís.

Antônio Marcos de Lima

Antônio Marcos de Lima, popularmente conhecido como Marcos Lima, é cantor, compositor e musicista natural do município de Janduís, no interior do Rio Grande do Norte. Nascido em 9 de março de 1971, é filho de Antônio Vieira de Lima e Severina Ferreira de Lima (in memoriam), sendo irmão de Mestre Dadá (in memoriam), Amilton Lima, Célia de Lima e Ana Lima (in memoriam). Sua primeira experiência com a arte surgiu ainda nos tempos de escola, durante uma



gincana cultural promovida pela Escola Municipal Professor Aluizio Gurgel. O incentivo inicial floresceu e, em 1993, Marcos participou do concurso "A Mais Bela Voz", realizado em Janduís. Seu talento o levou à fase final da competição, em Mossoró/RN, consolidando ali sua vocação musical.

Logo após, foi convidado a integrar a banda "Os Desconhecidos", ao lado de Rômulo Gurgel, Aurino Santos (in memoriam) e Ubiraci Dantas (Bira), onde assumiu os vocais. Paralelamente, iniciou seus estudos de violão com o músico Erivaldo Nascimento Galvão, o Babal, importante nome da MPB no Rio Grande do Norte, que veio a Janduís por articulação de Ray Lima e Júnior Santos, desenvolvendo oficinas de musicalidade no município. Na época, Marcos não possuía um violão próprio, e recorria à generosidade de amigos como Valdécio Fernandes e Toinho de Helena para seguir aprendendo e praticando.

Sua inspiração musical vem de raízes profundas e afetivas. Ainda jovem, encantava-se ao ouvir as serenatas de seu tio Antônio e de seu amigo José Alves de Medeiros, o Zeca. Sua mãe também foi figura essencial nesse despertar: suas canções da Jovem Guarda embalavam as noites da casa, enchendo o ambiente de ternura e despertando em Marcos o amor pela música. Além disso, o universo popular nordestino o cercava — forrozeiros, cantadores de viola e artistas de feira no mercado público de Janduís capturavam sua atenção e admiração.

A Escola Aluizio Gurgel teve papel central em sua formação. Professores como Josivan, Valdécio Fernandes e, sobretudo, Ray Lima foram fundamentais para seu desenvolvimento artístico. Na efervescente década de 1990, quando os movimentos culturais de Janduís tomavam corpo e voz, Marcos encontrou em Ray Lima uma referência essencial para seu caminho na arte, na música e na cidadania.

A arte, para Marcos Lima, foi uma ferramenta de transformação diante de um cenário ocioso em que Janduís se encontrava, onde muitos jovens se perdiam na criminalidade — não por escolha, mas por falta de oportunidade. A arte foi transformadora, não apenas para ele, mas também para sua família e para toda uma geração.

Hoje, Marcos Lima além de encantar com sua voz e seu talento com o violão vem também se destacando com composições musicais. Suas composições são desde músicas no ritmo do forró e forró de vaquejada, as quais vem sendo interpretadas por músicos da região, a músicas teatrais que compõem as trilhas sonoras de grandes espetáculos de Janduís e de cidades circunvizinhas.

Antônio Marcos de Lima é símbolo da musicalidade popular janduiense, com uma trajetória construída com sensibilidade, afeto, resistência e profundo amor pela cultura do seu povo.

Maria Edileuza Vieira Gurgel de Medeiros

Maria Edileuza Vieira Gurgel de Medeiros, conhecida carinhosamente como Leuzinha, é uma figura marcante na história da cidade de Janduís (RN), destacando-se por sua devoção religiosa e sua contribuição incansável à educação e à comunidade.



Nascida em 1958, filha de José Bento Régis e Francisca Gurgel Vieira Régis, teve sua formação moldada desde cedo pelos valores da fé e da coletividade. Sua jornada religiosa começou aos 9 anos de idade, quando iniciou a catequese com a senhora Maria Pinheiro e, fortemente influenciada por sua avó materna, Natência Gurgel — devota de Santa Teresinha, padroeira da cidade — passou a participar dos atos religiosos ainda na infância. Era presença certa nos ofícios da Imaculada Nossa Senhora da Conceição, realizados nas madrugadas de sábado, sendo uma das mais jovens a integrar ativamente a vida litúrgica da Igreja.

Durante a juventude, afastou-se brevemente dos ofícios, em virtude dos estudos, mas jamais se distanciou da fé, participando das celebrações nas cidades por onde passou: Campo Grande, Caicó e Natal. Ao retornar a Janduís, aos poucos retomou sua atuação na igreja e, atualmente, exerce há 15 anos a função de Ministra da Sagrada Eucaristia, servindo com dedicação tanto na Igreja de Santa Teresinha quanto na Capela de São Bento.

Para além da fé, Leuzinha teve um papel fundamental no desenvolvimento educacional de Janduís. Em 1983, integrou o “Projeto Casulo”, voltado à educação infantil na gestão do então Prefeito Salomão Gurgel. Pouco tempo depois, passou a atuar na Secretaria de Educação, sendo convidada a assumir a direção da Escola Municipal Professor Leonel Cícero, onde iniciou seu trabalho como gestora escolar. Em 1985, foi chamada para colaborar com a recém-criada Escola Municipal Professor Aluizio Gurgel, onde passou a lecionar, ao mesmo tempo em que seguia à frente da gestão da Escola Municipal Professor Leonel Cícero.

Na Escola Municipal Professor Aluizio Gurgel, Leuzinha viveu uma das fases mais significativas de sua trajetória, sendo uma das primeiras pessoas a compor o corpo docente da instituição, que ela mesma considera como o berço da arte e da cultura de Janduís. Foi ali que testemunhou o surgimento de grupos culturais, o florescimento de talentos locais e o fortalecimento da identidade artística dos estudantes, especialmente através da Semana Cultural, evento que marcava o calendário escolar e inspirava novas gerações.

Leuzinha é o tipo de pessoa que planta raízes onde passa. Na fé, firmou seu nome como serva dedicada e amorosa. Na educação, como educadora sensível e comprometida com o crescimento coletivo. Sua história é um elo entre passado e presente, uma ponte entre espiritualidade e transformação social. Em cada gesto, carrega a marca da simplicidade, da escuta e do cuidado com o outro — virtudes que fazem de sua vida um verdadeiro testemunho de amor à comunidade.

Maria da Conceição Arruda Fernandes

Maria da Conceição Arruda Fernandes, conhecida por todos como Ceição Rezadeira, é uma figura religiosa profundamente respeitada no município de Janduís/RN, símbolo de fé, cura e solidariedade. Nascida em 1972, é filha de Antônia Arruda de Almeida e José Fernandes de Almeida, e desde cedo foi tocada pela espiritualidade e pelos gestos de cuidado, que aprendeu no seio da família.



Sua mãe, também rezadeira, foi quem lhe transmitiu os ensinamentos e a missão de servir aos outros por meio da fé. Aos 34 anos, em seu leito de morte, Antônia fez um pedido especial à filha: que desse continuidade à sua missão, rezando e curando com o coração voltado a Deus, especialmente para aqueles mais necessitados. Foi ali, entre lágrimas e amor, que Ceição assumiu seu chamado com humildade, mesmo carregando no início a insegurança de quem encara o invisível.

Mas a fé a sustentou. E foi rezando com devoção e entrega que percebeu o quanto sua presença e suas orações podiam transformar a realidade das pessoas. Diante disso, fez um voto a Deus: enquanto tivesse vida, colocaria tudo em Suas mãos. E assim tem vivido — em paz, com o coração pleno por ser instrumento do bem.

Entre todas as pessoas que atende, são as crianças que mais marcam sua trajetória. Conhecida em toda a comunidade por esse carinho especial, Ceição é a primeira referência que muitos pais procuram quando os filhos adoecem ou enfrentam dificuldades. Com dedicação e prontidão, interrompe qualquer afazer quando alguém bate à sua porta em busca de auxílio. Sua casa, mais do que morada, tornou-se refúgio de esperança e fé para muitos.

Ceição Rezadeira é mais do que uma mulher de oração — é um elo entre o sagrado e o cotidiano, entre a fé que cura e o gesto que acolhe. Sua missão de amor, transmitida de mãe para filha, ultrapassa o tempo e se enraíza no coração do povo de Janduís. A cada reza, a cada criança acolhida, ela reafirma o compromisso de ser canal da graça divina. E enquanto tiver vida, continuará sendo, com humildade e devoção, uma presença que ilumina e cura — com as mãos na terra e o espírito entregue a Deus.

Jailma Emiliana dos Santos

Jailma Emiliana dos Santos, conhecida por todos como Neca, é símbolo de resistência, memória e afeto no município de Janduís (RN). Filha de Cícero Gomes dos Santos e Lenilza Emiliana da Silva, Neca construiu sua trajetória entre a dureza do roçado e a doçura da arte — duas forças que moldaram sua identidade e sua forma de ver o mundo.

Na infância, para ajudar sua família no campo, sua liberdade lhe foi negada. Desde cedo, acompanhava o pai nos trabalhos rurais, e por esses motivos não conseguiu frequentar a escola e de sonhar com outros caminhos. Seu maior desejo era fazer parte dos movimentos culturais que começavam a surgir na cidade — um mundo que lhe parecia mágico, diferente de tudo o que vivia, e que representava para ela uma espécie de refúgio, um espaço de respiro e esperança.

Mas os tempos eram outros, e a rigidez de seu pai não permitia que ela seguisse por essa trilha. Anos mais tarde, sensibilizado pela paixão da filha, ele enfim permitiu que ela trilhasse seu próprio caminho. Foi assim que Neca iniciou sua história na cultura popular, ingressando nas aulas de capoeira trazidas por tutores de Mossoró, por intermédio de Ray Lima — figura essencial na construção dos movimentos culturais locais.

Na mesma época, começou a participar das oficinas do Projeto Recriança, realizadas na antiga Usina. Por lá, se envolveu com atividades diversas: teatro, crochê, modelagem de painéis de barro e outras linguagens artísticas que a encantavam e despertavam sua criatividade.

Foi dentro dessa vivência artística que Neca reencontrou sua infância — não mais como dor, mas como memória a ser preservada. Começou a guardar os brinquedos que ela mesma criava quando criança: bonecas de sabugo de milho, de pano, bolinhas de gude. Mais tarde, passou também a reunir utensílios antigos da casa dos seus pais. A intenção era simples: mostrar aos filhos como ela viveu, e manter viva a história da sua família.

Com o tempo, esse acervo cresceu e tomou forma: nasceu o Museu de Neca e Silvanir, o único museu da cidade de Janduís. Um espaço singular, construído com amor, resistência e desejo de preservar a cultura popular, onde estão reunidas memórias que contam a história de um povo através de seus objetos, suas lembranças e suas raízes.

No início, muitas pessoas da comunidade estranhavam seu cuidado com os objetos antigos, chamando aquilo de “velharias”. Mas ela sabia que ali, entre pedaços do passado, havia memória, identidade e afeto. E hoje, o que começou como um gesto íntimo é reconhecido como um patrimônio cultural da cidade.

Neca é guardiã da história viva de Janduís. Seu museu, construído com as mãos e o coração, é abrigo de lembranças que não cabem nos livros. Em cada boneca de sabugo, em cada panela de barro, em cada peça resgatada, ela costura os fios da ancestralidade e da dignidade do seu povo. Sua vida é um testemunho de coragem, de beleza e de amor à cultura — e enquanto houver memória, o nome de Neca continuará ecoando como símbolo de preservação e resistência.



Antônio Cácio dos Santos

Antônio Cácio dos Santos, conhecido popularmente como Cácio Santos, é professor, produtor cultural e organizador de eventos, além de já ter atuado como radialista, figurinista e cenógrafo. Com uma história marcada pela sensibilidade e dedicação à comunidade, tornou-se referência no município de Janduís/RN, sendo amplamente respeitado por sua contribuição à arte, à educação local e à religiosidade.



Nascido em 1977, filho de mãe solo, a senhora Selma dos Santos, Cácio foi criado pelos avós maternos, que tiveram papel fundamental na sua formação humana e afetiva. O gosto pela arte surgiu ainda na infância, de forma inesperada, durante uma peregrinação de Santa Teresinha em sua casa. Enquanto algumas mulheres da igreja visitavam o local, uma delas, Maria Gurgel, encantou-se com uma flor de sabonete feita por ele. O elogio, simples e sincero, despertou em Cácio a ideia de que havia beleza e potência em seu gesto criativo.

Esse primeiro impulso artístico ganhou forma quando a professora e diretora Francisca Vanda de Brito o convidou para colaborar com eventos escolares na Escola Municipal Professor Leonel Cícero. Ali, organizou um memorável presépio vivo de Natal, o primeiro da cidade. A experiência consolidou o caminho da arte em sua vida. Desde então, passou a ser requisitado para aniversários, casamentos, celebrações religiosas e ações comunitárias, sempre trazendo consigo a originalidade e o resgate da cultura popular nordestina como marca pessoal.

Cácio se inspira nas memórias afetivas de sua infância com os avós — uma vivência de simplicidade, dificuldades e beleza genuína. É nesse lugar de memória e ternura que sua arte se ancora, transformando materiais simples em cenários cheios de simbolismo e poesia. Na educação, tornou-se carinhosamente conhecido como Professor Cácio. Seu ingresso no magistério foi impulsionado pela professora Claudione Vieira, que sempre enxergou seu talento e criatividade. Inspirado pelas dinâmicas que Claudione promovia em sala de aula, ele foi incentivado a prestar concurso público e vestibular ao final do ensino médio. Foi aprovado com ótima colocação no concurso para professor municipal e, simultaneamente, ingressou no curso de Pedagogia pela UERN – Campus Avançado de Patu, por meio do Programa PROFormação, voltado à qualificação de educadores.

Seu início como professor foi simbólico: começou a lecionar na mesma escola onde antes atuava voluntariamente com decoração e arte — a Escola Municipal Leonel Cícero. Tornou-se o primeiro professor do sexo masculino a atuar na educação infantil de Janduís, em um tempo em que a presença de homens nessa função era cercada de preconceitos. Com coragem e afeto, quebrou barreiras, encantando alunos e comunidade com um ensino lúdico, sensível e poético. Ensinava a ler e escrever da mesma forma como aprendeu a sonhar: através da arte e da palavra.

Cácio Santos é mais do que um educador e artista: é uma alma que transforma o cotidiano em beleza, que acredita na potência da infância, na força da memória e na arte como instrumento de libertação. Sua história é feita de flores de sabonete, presépios vivos, versos e crianças alfabetizadas — pequenas grandes coisas que, costuradas com amor, criam um legado inesquecível. Ele é prova viva de que, quando o afeto se junta ao talento, nenhuma realidade é pequena demais para se transformar em arte.

Lenilda Cirila da Silva

Lenilda Cirila da Silva, carinhosamente conhecida como Caboquinha, nascida em 1979, é filha de Luiza Maria da Silva e Antônio Cirilo Neto. Desde muito jovem, construiu uma vida entrelaçada com a arte, o cuidado coletivo e a cultura popular em Janduís/RN, sendo até hoje uma referência de resistência, entrega e amor ao seu território.

Sua trajetória artístico-cultural teve início aos 10 anos de idade, em 1989, quando passou a participar do Projeto Recriança — uma iniciativa que, em meio a tempos de seca, fome e violência social, oferecia às crianças da cidade a chance de se alimentarem de comida e de arte. Foi ali que Lenilda teve seus primeiros contatos com o teatro, a dança e a poesia, construindo laços com figuras que marcaram época, como Ray Lima, Valdécio Fernandes, Josivan Rhuann e Benedito Jorge. Naquela época, para chegar ao espaço do projeto — o local onde hoje funciona a antiga Usina de Leite — as crianças precisavam atravessar um caminho de barro e mato. Esse percurso, mais tarde, inspirou Ray Lima a criar a cantiga e o projeto “Caminho do Mato”, que se tornaria uma metáfora viva da arte que brota das dificuldades. Lenilda integrou o Grupo Nhanduí, onde seguiu com as atividades teatrais, de dança, poesia e perna de pau, além de participar dos desfiles de Carnaval e demais manifestações populares da cidade. A década de 1990 foi, para Janduís, um tempo de efervescência cultural, e Lenilda foi parte ativa dessa transformação que uniu juventude, criatividade e enfrentamento das desigualdades.



Entre os anos de 1994 e 2006, afastou-se temporariamente dos palcos para cuidar da família. Em 2006, retomou sua atuação, desta vez na Associação Santa Teresinha, no Projeto PDA Carnaúba, inicialmente como auxiliar de serviços gerais, e logo depois como educadora social. Ali permaneceu por 11 anos, desenvolvendo atividades com crianças, adolescentes e jovens em Janduís, Campo Grande e Messias Targino. No projeto, participou de ações como os Saraus de Cenopoesia, espetáculos temáticos, quadrilhas juninas e o tradicional Auto de Natal. Também foi produtora do grupo Garotos do Swing, fundado por seus filhos Keyton Gomes da Silva, Klinsmann Gomes da Silva e amigos. Era responsável pelos figurinos e materiais usados nas apresentações. O grupo chegou ao fim após a perda de seu filho mais velho, Klinsmann Gomes da Silva, vítima de um acidente de moto em 2015 — uma dor que transformou ela transformou em força para continuar sua missão na cultura, como também em trabalhos sociais em Janduís.

Durante os anos de 2014 à 2020 integrou a equipe organizadora da Quadrilha Junina Flor do Sertão, no município de Janduís. A quadrilha surgiu dentro do projeto PDA Carnaúba, e com o encerramento do projeto no ano de 2018, Lenilda assumiu a coordenação da Flor do Sertão dando assim continuidade ao grupo que era tão querido pelos jovens do município, como uma forma de seguir oferecendo aos integrantes e também a comunidade, momentos de arte, cultura, valorização, formação, resgate e fortalecimento da cultura junina. Caboquinha, como é conhecida carinhosamente em Janduís é vista pela comunidade, em especial pela juventude, como uma referência de força, como conselheira, uma mulher que acolhe a todos como “seus meninos” e “suas meninas”.

Hoje em dia, Lenilda atua na área da cultura como figurinista e produtora nos principais espetáculos do município, como a Paixão de Cristo e o Auto de Santa Teresinha. Com mãos habilidosas e um

coração cheio de memória, ela costura muito mais do que tecidos — costura histórias, afetos e a herança viva de um povo. Em cada figurino, há um pedaço de sua história. Em cada bastidor, a sua força silenciosa.

Lenilda é daquelas mulheres que, mesmo nos bastidores, brilham no centro da cena, mantendo acesa a chama da cultura popular e reafirmando que resistir também é bordar, cuidar e fazer com amor. Janduís vive na arte que ela ajuda a vestir — e nela, a cultura segue respirando.

Alvaní Vieira da Costa Almeida

Alvaní Vieira da Costa Almeida, carinhosamente conhecida como Dra. Alvaní, foi uma mulher de múltiplos talentos e de grande relevância para a história de Janduís/RN. Professora, escritora, advogada e figura política, sua trajetória é marcada pelo compromisso com a educação, a justiça e o bem-estar coletivo, sendo até hoje lembrada como uma das mulheres mais inspiradoras da cidade.



Nascida em 17 de setembro de 1937, em Janduís, iniciou sua vida profissional aos 17 anos de idade, atuando como auxiliar de classe na Escola Estadual Vicente Gurgel — à época, a única instituição de ensino básico do município. O convite veio de seu amigo pessoal, o professor Atamiro Gurgel, que percebeu o seu potencial e dedicação. Pouco tempo depois, Alvaní assumiria a terceira série, e mais adiante, em 1962, tornaria-se diretora da escola, cargo que ocupou com zelo por 16 anos, até 1977.

Após sua saída do Vicente Gurgel, passou a integrar a equipe da Escola Estadual Professor Daniel Gurgel, onde permaneceu por três anos. Em 1980, prestou vestibular para o curso de Letras – Português, na cidade de Mossoró, conquistando sua licenciatura plena. Seu amor pela educação e pela transformação social a levou, em 1983, a se tornar a primeira Secretária de Educação da história de Janduís, cargo que exerceu por quatro anos e meio. Contudo, sua inquietude intelectual e desejo por justiça a conduziram a outro caminho: renunciou à pasta para realizar um sonho antigo — cursar Direito.

Como advogada, atuou com generosidade e firmeza, oferecendo orientação jurídica gratuita às famílias de sua cidade, sempre guiada por seu profundo senso de justiça. Em 1992, mudou-se para o estado de Alagoas, onde abriu um escritório de advocacia e especializou-se como jurista trabalhista. Em 1996, fixou residência em Natal, mas foi em 2000 que retornou definitivamente a Janduís, onde reafirmou seu compromisso com o coletivo ao se candidatar a vereadora.

Uma curiosidade pouco conhecida, mas de grande valor simbólico, é que Dra. Alvaní foi compositora da melodia do Hino Oficial do Município de Janduís. A letra do hino foi escrita por Aluízio Gurgel, uma personalidade do município. Alvaní, com sua sensibilidade musical, compôs a melodia em ritmo de dobrado, tornando o hino uma peça rica em identidade e emoção. Durante muitos anos, essa criação ficou adormecida, até ser resgatada pelo movimento cultural local, por meio do professor Valdécio Fernandes, que a trouxe de volta à vida. O hino foi então gravado pela Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, eternizando sua importância na história da cidade.

Dra. Alvaní foi uma mulher à frente de seu tempo: determinada, culta, generosa e profundamente comprometida com o desenvolvimento humano e social de sua comunidade. Sua trajetória é sinônimo de resiliência, sabedoria e dedicação, atravessando gerações e sendo lembrada com carinho, respeito e admiração por todos que com ela conviveram. Seu legado permanece vivo na memória de Janduís — seja nas salas de aula, nas partituras do hino municipal, nas páginas da justiça ou nas histórias contadas com orgulho por sua gente.

Isabel da Conceição Filha

Isabel da Conceição Filha, conhecida carinhosamente como Dona Loura, é uma das costureiras mais respeitadas e lembradas do município de Janduís (RN). Mãe de três filhos — Maxwela Emiliana, Heleno Emiliano e Leandro Tomé — Dona Loura deixou sua marca na cultura local por meio do talento com as agulhas e a dedicação em vestir sonhos, literalmente, nas apresentações culturais da cidade.



Filha de Sebastião Tomé Ferreira e Isabel Inácia da Conceição, Dona Loura nasceu e cresceu na zona rural de Janduís. Foi nesse ambiente simples e cheio de encanto que ela teve seus primeiros contatos com o ofício da costura: observando, com olhos curiosos e atentos, outras mulheres tecendo e moldando roupas com as próprias mãos. Sem ter alguém que a ensinasse formalmente, aprendeu tudo sozinha, costurando suas primeiras peças em uma máquina de mão herdada da mãe — uma relíquia de valor afetivo e simbólico.

Mais tarde, mudou-se para a cidade de Janduís, no período em que florescia o surgimento do movimento cultural, movimento este que tinha a frente o artista paraibano Ray Lima, e participação efervescente de diversos artistas e agentes locais, além também da existência do importante projeto “Recriança” voltado à socialização de crianças e jovens através da arte, educação e cultura popular. Ao se deparar com esse ambiente efervescente, Dona Loura encontrou não só inspiração, mas também acolhimento.

Foi nesse contexto que passou a integrar o Conselho de Mães, grupo que reunia mulheres do município com o objetivo de produzir roupas, fardas e costuras comunitárias. Com o tempo, o grupo transformou-se no conhecido Clube de Mães, ampliando ainda mais sua atuação e seu impacto social. Nesse espaço coletivo e de afeto, Dona Loura ganhou reconhecimento como costureira de confiança e talento ímpar, sendo constantemente requisitada por artistas locais e de outras cidades.

Entre os que mais valorizavam seu trabalho estavam Ray Lima e Junior Santos, que criaram laços de amizade sincera com ela. Sempre que voltavam de suas viagens e projetos, faziam questão de visitar Dona Loura, reconhecendo nela não apenas uma costureira, mas uma artista que transformava tecido em identidade e expressão. Foi ela quem confeccionou figurinos de inúmeras apresentações teatrais, desfiles, eventos escolares e culturais, marcando uma geração de artistas e crianças com sua dedicação silenciosa e generosa.

Hoje, Dona Loura é símbolo de força, criatividade e cuidado. Sua costura não está apenas nos tecidos, mas também nas histórias que ajudou a bordar na vida cultural de Janduís. Seu legado é feito de linhas que não se apagam: linhas que uniram arte, maternidade, tradição e amor. Em cada figurino, há um pouco de sua alma — e em cada lembrança, a certeza de que sua contribuição permanece viva no imaginário e no coração de quem vive a cultura da cidade.

Lourinalda Almeida Gurgel

Lourinalda Almeida Gurgel, conhecida popularmente como Professora Lourinalda, nasceu em 02 de julho de 1943, na cidade de Janduís/RN. Filha de Vicente Gurgel Praxedes e Alice Pinheiro de Almeida, cresceu em um lar marcado pela religiosidade, disciplina e



compromisso com os valores humanos. Desde a infância, cultivou a fé em família, participando diariamente das orações do terço e do Ofício de Nossa Senhora, que moldaram sua espiritualidade e caráter.

Ainda jovem, mudou-se para Caicó, onde deu os primeiros passos rumo à vida acadêmica, sempre movida por uma vontade intensa de estudar e se capacitar. Tinha o sonho de estudar em um colégio de freiras, desejo que realizou com esforço e perseverança. Sua formação e experiência a levaram a atuar como professora, e mais tarde, no setor de Recursos Humanos a nível estadual, acumulando uma bagagem técnica que seria essencial para os cargos que assumiria futuramente em sua cidade natal, Janduís.

Seu ingresso na vida pública municipal se deu em 1982, quando participou ativamente da campanha que elegeu seu irmão, Dr. Salomão Gurgel, nome que transformou a realidade do município com grandes avanços. Dois anos depois, retornou definitivamente a Janduís, assumindo o cargo de Secretária de Administração em 1985, durante a gestão do irmão. Antes ocupado por José Bezerra, outro nome que marcaria a política local, o cargo demandava um perfil técnico, ético e comprometido — características que marcaram toda a atuação de Lourinalda.

No campo político, foi eleita vereadora em 1993, permanecendo no cargo até 1995, quando se afastou para dar lugar ao suplente Fabinho Barbosa. Posteriormente, voltou a integrar a estrutura administrativa da prefeitura, desta vez como Chefe de Gabinete. Sua atuação era sempre marcada pela busca da legalidade, pela organização minuciosa dos processos e pelo esforço contínuo em resolver demandas sem permitir que irregularidades se perpetuassem. Ganhou respeito por sua honestidade, seriedade e zelo com a coisa pública.

Além de sua atuação na política e na gestão pública, desempenhou um papel essencial no campo social e cultural do município. Foi coordenadora financeira do Projeto Recriança, iniciativa que mudou a vida de centenas de crianças e adolescentes de Janduís, promovendo cidadania, arte e

inclusão social. O projeto foi uma semente de transformação: por meio dele, muitos dos artistas locais encontraram na cultura o caminho de vida, expressão e resistência.

Lourinalda sempre se espelhou em figuras como Aninha, irmã de Chico Tampa, referência no legislativo local, mas sua maior inspiração foi mesmo seu irmão Dr. Salomão Gurgel, cuja coragem política e compromisso social influenciaram profundamente seu modo de atuar. Ao longo da vida, manteve-se fiel a princípios sólidos e à crença de que a transformação social se faz com trabalho, dignidade e conhecimento.

Atualmente, sonha em construir uma Casa de Memória no tradicional Casarão da Família Gurgel, para manter viva a história de sua família, de sua cidade e de seu povo — transformando lembranças em fonte de aprendizado, pesquisa e resistência cultural.

Lourinalda é o tipo de mulher que inspira em silêncio, com firmeza e doçura. Sua trajetória é o reflexo de uma vida vivida com propósito: entre fé, serviço público e amor pela sua terra, segue sendo um pilar da memória viva de Janduís.

Raimundo Canuto de Brito

Raimundo Canuto de Brito, conhecido amplamente como Raimundo do Sindicato, é uma figura essencial na história política, religiosa e sindical do município de Janduís (RN). Nascido em 1963, filho de Francisco de Sena Brito e Doralice Gonçalves da Costa, é natural da comunidade rural da Permissão, onde construiu os alicerces de sua trajetória e fez seu nome como liderança comunitária, política e sindical.



Antes de ocupar cargos públicos, sua caminhada se fortaleceu na fé e no trabalho social. Entre 1983 e 1984, foi membro atuante do Grupo de Jovens com Cristo da Permissão, com um trabalho significativo de evangelização e ações sociais, especialmente nas Campanhas da Fraternidade e nas visitas comunitárias. Esse envolvimento religioso foi a porta de entrada para sua integração às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o que lhe permitiu conhecer de perto a estrutura pastoral da Diocese de Santa Luzia, em Mossoró, e também se aproximar de outras dioceses do Rio Grande do Norte. Foi neste contexto que conheceu o Padre Pedro Neiffs, figura de grande influência na sua vida. Para Raimundo, o padre não era apenas um guia espiritual, mas um educador político e cultural, que ajudou a despertar a consciência crítica de muitos jovens do campo e da cidade. Raimundo se considera fruto desse trabalho pastoral e libertador, que unia fé e compromisso social. Participou ainda de três escolas bíblicas, que contribuíram profundamente para sua formação religiosa e humana.

Em 1988, deu um passo decisivo ao ingressar no movimento sindical rural, ao mesmo tempo em que participou da criação da comissão provisória do Partido dos Trabalhadores (PT) em Janduís. Sua primeira eleição sindical foi marcada por um cenário político tenso, em que disputas ideológicas dividiam o campo entre forças conservadoras e o fortalecimento de uma esquerda popular. Raimundo, ao lado de Celso Macena (in memoriam), Toinho Oliveira e Aldenor Ferreira, encabeçou a chapa progressista que, com apoio de lideranças locais e do então Prefeito Salomão Gurgel, venceu as eleições para a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Esse momento marcou o início de uma nova fase para o movimento sindical de Janduís, com foco na luta pelos direitos dos trabalhadores do campo, na articulação com movimentos sociais e na defesa da agricultura familiar.

Desde então, Raimundo construiu uma trajetória sólida e coerente, ocupando importantes espaços de liderança: foi vereador no município de Janduís, está atualmente como Vice-Prefeito do município, ao lado do Prefeito Elvécio Gurgel de Sales, ambos do Partido dos Trabalhadores (gestão 2025-2029) e também atua como Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais — cargos que exerce com responsabilidade, diálogo e compromisso com os que mais precisam.

Raimundo do Sindicato é exemplo de fé que se transforma em ação, de política que nasce do povo e retorna para ele em forma de luta, trabalho e justiça. Sua história, marcada pela resistência e pela organização popular, é parte fundamental da memória viva de Janduís. Um homem do campo, da base, da palavra e da prática — que continua, dia após dia, a semear dignidade no chão da sua gente.

Lindemberg da Silva Bezerra

Lindemberg da Silva Bezerra, conhecido popularmente como Berg Bezerra, é um artista plural, com destaque como palhaço, produtor cultural e técnico em gestão cultural, atuando como assessor em diversos municípios do Médio Oeste potiguar. Nascido em 1981, natural da comunidade rural Maracanaú, em Campo Grande/RN, é filho de Francisco Bezerra e Maria Lúcia da Silva Bezerra.



Sua trajetória artística começa de forma inusitada em 1993, quando, por falta de vagas nas escolas de sua cidade natal, tenta estudar em Janduís/RN. A ligação entre as duas cidades era o comércio: moradores de Maracanaú faziam feira em Janduís, e foi nesse contexto que Berg conseguiu, com esforço e sorte, uma vaga na Escola Municipal Professor Aluizio Gurgel. Lá, conheceu o professor Josivan Rhuann, que o introduziu ao teatro e à poesia. No dia 21 de abril de 1993, nasce, dentro da própria escola, a Companhia Cultural Ciranduís, criada para movimentar os intervalos escolares com apresentações artísticas de curta duração. O projeto cresceu com o apoio da comunidade escolar, que chegou a disponibilizar recursos do caixa da escola para figurinos e maquiagem. Com o tempo, a Ciranduís tornou-se uma das referências culturais do Brasil no campo do teatro popular, da poesia e da palhaçaria.

Durante sua juventude, Berg transitou entre várias expressões artísticas, como capoeira e dança, que marcaram sua formação inicial. No entanto, foi na palhaçaria que encontrou sua maior identificação. Em 1996, durante um Escambo Cultural realizado em Janduís, participou de uma oficina de palhaçaria ministrada pelo artista e palhaço janduiense Marcosuel Vieira, na Escola Municipal Professor Leonel Cícero. Desde então, adotou a figura do palhaço como linguagem central de sua trajetória artística, tendo o seu Palhaço Espeto como parte de si, da sua formação artística e humana.

Além da atuação nos palcos e ruas, Berg é professor por formação, com especialização em Gestão Pública, em Elaboração de Planos Municipais de Cultura, em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, é técnico em elaboração de projetos e captação de recursos para prefeituras e para o terceiro setor. Já atuou também como gestor cultural no município de Janduís, e atualmente é Assessor Técnico Cultural atuando em vários municípios do estado. Construiu uma carreira sólida e através dessas áreas vem ajudando a elaborar políticas públicas para a cultura em Janduís, no estado e também a nível de País, a planejar ações e fortalecer redes culturais em diversos municípios do Rio Grande do Norte. Sua sensibilidade artística e sua experiência de base o tornaram uma referência respeitada em todo o território potiguar. Berg Bezerra é também militante da cultura, defensor da arte como ferramenta de emancipação popular e como direito social. Ele é daqueles que acreditam no poder da arte para mudar realidades, para transformar olhares, para curar feridas invisíveis e para construir memórias coletivas.

Hoje, mais de três décadas após sua primeira apresentação na escola, Berg segue rindo, resistindo e articulando, mantendo viva a missão da Ciranduís, grupo do qual é um dos fundadores e principal referência viva. Palhaço por essência e gestor por convicção, sua trajetória é um retrato fiel do que a arte pode fazer por uma vida — e do que uma vida pode fazer pela arte.

Lindemberg Bezerra é, acima de tudo, um fazedor de esperança. Com seu nariz vermelho, suas palavras certeiras e sua escuta generosa, ele semeia dignidade, coragem e beleza por onde passa — e Janduís, em sua história, sabe que tem nele um dos seus maiores artistas e articuladores culturais.

Valdécio Fernandes Rocha

Valdécio Fernandes Rocha, conhecido carinhosamente como Professor Valdécio, é um artista, educador, escritor e poeta natural de Janduís/RN, que construiu uma trajetória marcada pela resistência, sensibilidade e compromisso com a cultura popular e a educação. Filho de Onório Rocha e Severina Fernandes, nasceu no Sítio Clarão, zona rural do município de Janduís, e mesmo com uma infância difícil, sempre carregou consigo o encantamento pelas expressões da sua terra.



Seu primeiro contato com a arte se deu ainda criança, durante as festividades de São José, com as tradicionais “deixadas do santo”, procissões religiosas e culturais que vinham do sítio para a cidade. Também se emocionava ao ver cantorias de viola e espetáculos circenses que, vez ou outra, passavam por Janduís. Seu envolvimento direto com o movimento cultural começou nos grupos de jovens, principalmente durante as gincanas culturais da Festa da Padroeira. Foi nesses ambientes que Valdécio descobriu que seu olhar sobre o mundo era, antes de tudo, poético.

Na década de 1990, passou a integrar o Projeto Recriança — uma iniciativa que, em meio a tempos de seca, fome e violência social, oferecia às crianças da cidade a chance de se alimentarem de comida e de arte. Além do projeto Recriança onde promovia oficinas de arte, teatro e educação cidadã com crianças e adolescentes, Valdécio participou também da fundação e organização de um dos encontros mais simbólicos do teatro de rua no Brasil: o Escambo Popular Livre de Rua. O evento, que começou de forma modesta, ganhou reconhecimento nacional, e ajudou a transformar a paisagem cultural de Janduís. Ali, Valdécio encontrou seu lugar como ator, poeta, educador e mobilizador cultural.

Inspirado por Ray Lima no teatro e por nomes como Antônio Francisco, Seu João do Posto e Zé Bezerra na poesia popular, Valdécio passou a trilhar também o caminho das letras. É graduado em Pedagogia (1997) e em Letras – Português (2015), além de ser pós-graduado em Gestão Educacional e Criatividade na Solução de Desafios, todos pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Sua trajetória no ensino começou na década de 1980 como professor de Educação Artística, sendo posteriormente efetivado como professor de Língua Portuguesa na Escola Municipal Professor Aluísio Gurgel, onde atuou por décadas e ajudou a consolidar projetos como a Semana Cultural da escola, que marcou a formação de inúmeros artistas locais.

Para estudar, enfrentou grandes obstáculos: estradas de barro, falta de transporte, jornadas em caminhões de lixo e muita escassez. Mas a vontade de aprender e ensinar nunca cedeu ao cansaço. Na escola, viu-se desafiado a ensinar arte sem recursos, e respondeu com criatividade, ajudando os alunos a explorarem teatro, dança, música e poesia, além de técnicas de artesanato e produção com materiais recicláveis.

Valdécio Fernandes também foi um dos fundadores e coordenador do Grupo de Dança Brincantes do Sertão, grupo este que por muitos anos foi referência no cenário das danças populares em Janduís e região, além de ter sido também um dos principais espaços de formação artística e social dos seus integrantes. O Grupo de Dança Brincantes do Sertão foi e é para Valdécio uma de suas jóias raras e

marco em sua história enquanto artista, educador e ser humano. Valdécio também é autor de textos poéticos e cordéis que retratam o cotidiano sertanejo, suas dores e encantos, sendo considerado em Janduís e região uma grande referência na área da literatura, respeitado e sempre procurado por grupos, instituições, artistas e escolas para contribuir nos processos formativos tanto na área da literatura como na área da educação e da cultura. Além disso, foi um dos principais articuladores da preservação do Hino de Janduís, tendo papel fundamental em sua revalorização e posterior gravação oficial.

Hoje, Professor Valdécio continua sendo um dos pilares da cultura janduiense. Com sua voz mansa, mas firme, segue transformando vidas, seja na sala de aula, seja nas rodas de poesia. É um guardião da memória coletiva, que resiste à pressa dos tempos com a paciência de quem semeia futuro em terreno árido. Em cada verso que escreve, em cada aluno que inspira, Valdécio Fernandes reafirma o poder da arte como ferramenta de resistência, pertencimento e libertação.

Raimundo Gurgel dos Santos

Raimundo Gurgel dos Santos, mais conhecido como Raimundinho Gurgel, é uma das figuras mais respeitadas do cenário artístico e cultural de Janduís/RN. Professor por formação, artista plástico por paixão e cidadão comprometido com a história e o futuro de sua cidade, ele construiu uma trajetória silenciosa, porém profundamente marcante — uma arte “invisível”, como gosta de dizer, mas presente em cada canto da memória coletiva janduiense.



Nascido em 1956, é filho de Francisco Gurgel dos Santos e Maria do Perpétuo Socorro Gurgel. Foi casado com Fátima Moraes (in memoriam) e são pais de quatro filhas — Polyxena, Madonna, Palas e Pandora —, Raimundinho sempre nutriu um amor profundo pela arte, pela educação e pelas raízes culturais de seu povo.

Seu percurso escolar teve início na Escola Estadual Vicente Gurgel, onde concluiu a quinta série com o professor Aluízio Gurgel. Em 1970, prestou o exame de admissão para ingressar no ginásio em Campo Grande/RN e, logo em seguida, mudou-se para Caicó, onde viveu na Casa dos Estudantes e estudou por três anos no Centro Educacional Dr. José Augusto (CEJA). Em 1974, transferiu-se para Natal, onde serviu à Marinha do Brasil no Grupamento de Fuzileiros Navais. Durante esse período, concluiu o primeiro grau na Escola Estadual Imperial Marinheiro e o ensino científico no Instituto Sagrada Família. Em 1980, deu baixa da Marinha e retornou a Janduís.

Em 1981, foi aprovado no vestibular para o curso de Matemática na UERN – Campus Avançado de Patu, e no ano seguinte passou a lecionar na rede municipal. Em 1983, ao lado de nomes como Epifânio Lopes, Cícero Nicolau, Lair Solano e Dr. Salomão Gurgel, fundou a ACDJ – Associação Cultural e Desportiva Janduiense, importante marco no incentivo ao esporte e à cultura local. Em 1989, foi eleito vice-prefeito de Janduís na chapa do então prefeito José Bezerra, exercendo o cargo até 1992. Depois disso, mudou-se para Manaus, onde atuou como professor durante o ano de 1993. No retorno a Janduís, abriu um mercadinho, que manteve por vinte anos, entre 1994 e 2014.

Paralelamente, seguiu cultivando sua vocação artística. Seu talento como artista plástico pode ser visto em diversos espaços e momentos da história local. É autor de escudos e brasões escolares ainda em uso, como os da Creche Tia Alice e da Escola Municipal Professor Aluízio Gurgel. Criou cenografias naturais em pedras no Sítio Boa Vista, que chegaram a ser destaque na Revista VEJA. Produziu ainda charges e tirinhas para o jornal artesanal “Folhinha do Povo”, utilizando mimeógrafo e tinta na ponta do pincel. Em 1991, quando nascia o Movimento Escambo Livre de Teatro de Rua em Janduís, foi Raimundinho quem confeccionou, com cartolina e pincel, o primeiro cartaz do movimento — e desde então, assinou a arte de todos os Escambos realizados na cidade.

Raimundinho também é um guardião da memória janduiense. Em suas redes sociais, transforma fotografias antigas e fragmentos de lembranças em pequenos arquivos vivos da história de seu povo, dando forma, cor e contexto ao que poderia ter sido esquecido.

Com simplicidade e profundidade, Raimundinho Gurgel tornou-se uma espécie de ponte entre passado e presente, entre o saber vivido e o saber compartilhado. Ele é o artista que moldou a identidade visual da cultura janduiense sem nunca pedir aplauso. Com humildade, desenhou nas paredes, nos lajedos, nos papéis e na alma do povo uma história de luta, beleza e pertencimento. Sua arte não vive nas vitrines, mas no cotidiano do povo simples, nas escolas, nos grupos culturais, nos becos onde o teatro grita, e nas lembranças de quem viveu a transformação da cidade pela força silenciosa do traço firme de um sonhador.

Josivan Melo da Silva

Josivan Melo da Silva, conhecido por todos como Professor Jrhuann, é uma das figuras mais ilustres e respeitadas do movimento cultural, educacional e desportivo do município de Janduís/RN. Professor, poeta, ator, treinador e liderança comunitária, sua trajetória é marcada pela dedicação ao ensino, ao esporte e à transformação social.



Nascido em Caicó/RN, é filho de Maria dos Anjos de Melo, mulher de fibra que, trabalhando como faxineira nas casas da cidade, sustentou a família com dignidade e repassou a seu filho o mais valioso ensinamento: “o estudo é a luz”. Josivan cresceu na Rua da Floresta, em uma casa de taipa, em frente ao antigo Vaporzão — onde hoje funciona a Casa de Cultura Palácio Vapor das Artes —, local de efervescência cultural que, de alguma forma, sempre cruzou seu destino.

Seu primeiro sonho era ser jogador de futebol. Jogou pela Seleção de Janduís, integrando o time titular, e via no esporte não só uma paixão, mas um caminho possível de sustento. Em paralelo, estudava na Escola Estadual Professor Daniel Gurgel, onde passou a alimentar um segundo sonho: o de ensinar. Influenciado pelos conselhos da mãe e pela confiança da comunidade que já o via como uma figura de liderança, iniciou o magistério e escolheu seguir pelo caminho da educação — não apenas para mudar a própria vida, mas para impactar outras.

O convite para a sala de aula chegou de maneira inesperada: durante a gestão de Dr. Salomão Gurgel, foi abordado na calçada de sua casa e convidado a realizar um psicoteste na prefeitura. Aprovado com louvor, foi encaminhado à escola do Sítio Situba, onde se deslocava de bicicleta, levando não apenas o material de ensino, mas também a merenda escolar para preparar com os próprios alunos. Esse gesto simples resume o espírito de compromisso e entrega que sempre definiu sua carreira.

Posteriormente, passou a lecionar na Escola Municipal Professor Aluizio Gurgel, onde criou o grupo “Ciranda”, que realizava apresentações culturais em datas comemorativas, promovendo cantigas populares e atividades artísticas. O trabalho logo se ampliou: no Projeto Recriação, Josivan atuou como monitor de artes, criando o grupo “Recrianduís”, com atividades de teatro, poesia e recreação. O amor pela cultura cresceu e se entrelaçou ao seu fazer pedagógico — e, desse encontro, nasceu a Companhia Cultural Ciranduís. Josivan não imaginava que através da Companhia Cultural Ciranduís e de outros companheiros de arte e vida iriam atravessar as fronteiras de Janduís, levar arte, cultura e transformação pelo País.

Na Companhia Cultural Ciranduís, além de idealizador e membro fundador, JRhuann foi coordenador, poeta — com livros publicados, ator e vem sendo até os dias atuais inspiração e referência para seus integrantes, como também para artistas e grupos culturais em Janduís e região. Também foi um dos idealizadores do Movimento Escampo Popular Livre de Rua, surgido em Janduís e que atravessou as barreiras do município, do estado e do País com a força da cultura popular.

Aposentado da educação formal, Professor JRhuann continua ativo como treinador e educador social, coordenando o Projeto Bom de Bola 10 na Escola. Muito mais do que futebol, o projeto é um espaço de formação cidadã, onde crianças e adolescentes aprendem não apenas a jogar, mas a sonhar, respeitar e construir caminhos dignos para suas vidas. O projeto hoje é também um dos grandes marcos do professor, artista e desportista janduiense. Um homem simples, mas de grandes sonhos e de uma grande força, que sempre lutou para ser ponte de transformação para as crianças e jovens de Janduí.

Professor JRhuann é símbolo de resistência, humildade e transformação. Sua trajetória inspira porque é feita de amor — pela comunidade, pela cultura e, sobretudo, pela educação. Onde há uma criança aprendendo com alegria, onde há uma roda de poesia ou uma bola rolando com respeito, ali há um pouco de sua semente. Ele é prova viva de que a verdadeira revolução acontece no dia a dia, nas mãos de quem ensina com o coração.

Salomão Gurgel Pinheiro (Dr. Salomão)

Salomão Gurgel Pinheiro, mais conhecido como Dr. Salomão, é uma das figuras mais emblemáticas da história de Janduís. Médico psiquiatra, liderança política e militante, dedicou sua vida às lutas do movimento socialista e ao compromisso de transformar a realidade do lugar onde nasceu e viveu.



Nascido em 1948, filho de Vicente Gurgel Praxedes e Alice Pinheiro de Almeida, cresceu em um lar simples, cercado pelo exemplo de pais agricultores e profundamente cristãos, que lhe transmitiram sólidos valores éticos. Aos 12 anos, concluiu a quarta série em Janduís e, com o sonho de ingressar em um seminário para tornar-se padre, deixou sua terra natal para cursar o quinto ano primário em outra cidade — já que Janduís ainda não oferecia essa etapa. Foi para Mossoró, hospedando-se na casa do cunhado Valdete. Entretanto, o trabalho de Valdete na cidade não prosperou e ambos seguiram para Campo Grande (então chamada Augusto Severo). Mais uma vez, os planos mudaram: Valdete partiu para Pendências, terra de seus familiares, e foi ali que Salomão finalmente concluiu o quinto ano primário.

O passo seguinte seria o seminário em Mossoró, mas seu destino tomou outro rumo. Ele seguiu para Caicó, onde ingressou no movimento estudantil aos 14 anos. Ali, se encantou com debates sobre justiça social e reforma agrária. Ao fim do ginásio, já era presidente da União Estudantil Caicoense. Mas, em meio à efervescência de sua liderança, sobreveio o golpe empresarial-militar de 1964, que instaurou perseguições políticas contra estudantes e opositores da ditadura. Mesmo diante das ameaças, Salomão não recuou. Passou a trabalhar como repórter voluntário na Rádio Rural de Caicó, usando os microfones como instrumento para difundir ideias consideradas “subversivas” pelo regime. Por diversas vezes foi chamado a depor e perseguido pela polícia, mas contou com a proteção do bispo Dom Manuel Tavares de Araújo, defensor dos jovens militantes.

Vivendo na Casa dos Estudantes e prestes a concluir o curso científico, tentou ingressar na faculdade de Medicina em Natal. Contudo, por recomendação dos militares, teve sua entrada negada. Paralelamente, buscava uma bolsa de estudos no exterior. Após anos de tentativas, conquistou uma vaga para estudar na União Soviética, atual Rússia. Em 1970, residindo novamente em Janduís, recebeu a notícia e, com apoio do pai, viajou até Caicó com Seu Hermes Vieira — dono de um jipe, o único transporte disponível —, de onde seguiu de ônibus ao Rio de Janeiro e, então, de avião, passando pela França até chegar a Moscou.

Na capital soviética, enfrentou uma realidade completamente diferente, mas se adaptou com resiliência. Logo integrou-se ao ambiente acadêmico da Universidade Patrice Lumumba e, ainda no primeiro ano, tornou-se diretor da Associação dos Estudantes Brasileiros, conquistando respeito e prestígio entre seus colegas. Mesmo longe, continuou a apoiar a luta no Brasil, organizando ações de solidariedade aos presos políticos. Isso lhe custou caro: no segundo ano de curso, seu passaporte foi cassado, impedindo-o de voltar ao Brasil ou viajar para outros países. Passou dez anos sem poder

sair de Moscou e foi nesse período que conheceu Nina Vassilievna Barinova, com quem teve dois filhos.

Em 1981, pôde finalmente retornar ao Brasil, vindo visitar Janduís antes de regressar a Moscou, onde Nina permanecia com o filho mais velho, então com três anos. Ao chegar, encontrou o cenário político agitado: Bastin Gurgel, candidato à prefeitura, sofria forte pressão dos adversários e acabou desaparecendo. Faltando poucos dias para sua volta à Rússia, Salomão decidiu permanecer para reorganizar a luta política, esperando que Bastin reassumisse sua candidatura. Isso não ocorreu — e, num gesto de sacrifício pessoal, ele próprio aceitou ser candidato, abrindo mão do retorno à esposa e ao filho.

Eleito em 1982 e empossado em 1983 para um mandato de seis anos, encontrou uma Janduís mergulhada na pobreza, com altos índices de mortalidade infantil, fome e desnutrição. Nos primeiros anos, priorizou a educação, colocando crianças em escolas e creches, e ampliou significativamente os serviços de saúde, provando que era possível transformar uma realidade marcada pela exclusão. Foi nessa primeira gestão de Salomão que Janduís começou a ergue-se e a ganhar novas perspectivas e é lembrada até os dias atuais como um marco de renovação e esperança. Durante esse período Janduís também passou a ser contemplada com a chegada de projetos sociais e culturais que foram extremamente importantes como o projeto Recriança que realizava atividades de arte, esporte, lazer e educação, como também o surgimento de grupos culturais que através da arte e do apoio de Salomão — considerado um grande entusiasta da cultura, transformavam a realidade do município.

Além da sua primeira gestão entre 1983 a 1988, Salomão Gurgel também foi Prefeito de Janduís em mais 3 (três) mandatos: eleito para o segundo mandato em 2004 e assumindo de 2005 a 2008; eleito para o terceiro mandato em 2008 e assumindo de 2009 a 2012; e eleito para o quarto mandato em 2020 e assumindo de 2021 a 2024. Salomão também foi suplente de Deputado Federal, passando a assumir o mandato entre os anos de 2001 a 2003.

Na saúde ocupou o cargo de Secretário Municipal de Saúde de Natal/RN no ano de 1996, e até os dias atuais exerce sua função como Médico Psiquiatra em sua Clínica no município de Caicó/RN como também no município de Janduís/RN. Salomão sempre foi muito dedicado ao cuidado com a saúde de seus pacientes, os quais desenvolvem pelo mesmo carinho, respeito e admiração por seu exemplo de humanidade, atenção e dedicação.

Salomão Gurgel é casado com Nailka Alencar Saldanha e juntos desenvolvem importantes papéis na política e no desenvolvimento de Janduís, sempre apoiando as ações desenvolvidas no município, como também lutando por seu crescimento.

Dr. Salomão não foi apenas um gestor ou um militante. Foi um homem que abriu mão de sonhos pessoais, do convívio com a própria família e de uma vida confortável para entregar-se à causa de um povo. Sua história é a prova de que coragem e compromisso podem mudar destinos. E, no coração de Janduís, seu nome segue vivo — como símbolo de resistência, esperança e amor à terra natal.

Lázaro Joaquim Roberto (In Memoriam)

Lázaro Joaquim Roberto nasceu em 9 de março de 1980, na cidade de Caraúbas, no Estado do Rio Grande do Norte. Logo após seu nascimento, mudou-se com a família para o município de Janduís/RN, onde cresceu, construiu suas raízes e desenvolveu toda a sua trajetória de vida. Conhecido carinhosamente por todos como Lazinho, era filho de Leonides Joaquim Roberto (in memoriam) e de Maria de Lurdes, sendo irmão de Francisco de Assis, Damião Roberto, Daniel Roberto, Antônio Francisco Roberto, Diluiton Roberto, Damiana, Francisca e Teresinha. Desde pequeno, Lazinho já demonstrava uma inteligência vivaz, uma personalidade doce e uma paixão espontânea pelas artes. Uma de suas memórias de infância mais queridas era a brincadeira com pneus — símbolo da simplicidade alegre que o acompanhou por toda a vida.



Estudou na Escola Estadual Professor Daniel Gurgel, onde pôde desenvolver ainda mais sua sensibilidade artística, especialmente nas artes plásticas. Com o tempo, mergulhou também no teatro, participando de grupos culturais como o Grupo Cultural Balai de Artes e a Companhia Cultural Ciranduís, nos quais deixava não apenas sua criatividade, mas também seu afeto e presença generosa. Nas festas da padroeira de Santa Teresinha sempre foi presença ativa, contribuindo com a ornamentação do centro da cidade, através de suas pinturas, suas esculturas, deixando a cidade durante esse período com um sentimento além de religioso, mas também cultural. Lázaro foi o artista plástico responsável pela pintura do “Painel de Santa Teresinha”, que é conservado até os dias atuais e ainda utilizado em muitos momentos na ornamentação da referida festa.

Como escultor o mesmo sempre gostou de ornamentar os canteiros de sua rua – Rua Canuto Gurgel com esculturas de pneus e materiais recicláveis. Pintava suas obras com cores vivas como forma de trazer alegria, paz e arte para o espaço que vivia e também para todos os seus vizinhos. Um de seus grandes sonhos como artista plástico era conseguir ornamentar todos os canteiros públicos de Janduís.

Trabalhou por muitos anos no projeto social PDA Carnaúba – Visão Mundial, atuando com crianças, adolescentes e jovens em ações educativas e culturais, sendo oficineiro de artes plásticas, contribuindo com o desenvolvimento dos participantes de sua oficina através da pintura. Mais tarde, foi aprovado em concurso público e passou a atuar como agente comunitário de saúde, profissão na qual exerceu com zelo, comprometimento e profundo respeito pelas pessoas.

Lazinho era um homem de muitas facetas: artista, educador, trabalhador da saúde, amigo leal, irmão dedicado, companheiro amoroso. Casou-se com Camila Roberto, com quem teve o filho Leonides Roberto, a quem dedicava um amor imenso e que representava, para ele, um dos maiores presentes da vida. Faleceu em 11 de maio de 2019, deixando saudades profundas em todos que tiveram o privilégio de conviver com ele.

Lázaro Joaquim Roberto permanece vivo na memória de Janduís — não apenas por sua arte, mas pelo homem íntegro e generoso que foi. Sua trajetória é símbolo de cuidado, criatividade e amor ao próximo. Em cada canto da cidade, ainda ecoa sua presença serena, como quem segue nos acompanhando com um sorriso silencioso, entre telas, palcos e afeto.

Aldair José de Lima (In Memoriam)

Aldair José de Lima, popularmente conhecido como Mestre Dadá, foi uma das figuras mais emblemáticas e queridas da história cultural, religiosa e comunitária de Janduís/RN. Nascido em 16 de julho de 1973, era filho de Severina Ferreira de Lima (in memoriam) e Antônio Vieira de Lima, e irmão de Marcos Lima, Ana Lima (in memoriam), Amilton Lima e Ana Célia de Lima. Sua trajetória se destacou pelo talento, pela liderança natural e pelo compromisso em fortalecer as expressões culturais e espirituais de seu povo. Patrono da atual Fundação Cultural de Janduís, a instituição leva seu nome como homenagem ao seu legado inesquecível.



Seu percurso nas artes começou ainda jovem, praticando karatê no antigo Vaporzão — prédio que hoje é a atual Casa de Cultura Popular Palácio Vapor das Artes. Em seguida, foi apresentado à capoeira através da influência de Ray Lima, Júnior Santos e Mestre Gato, e, posteriormente, sob orientação de Mestre Dodi, tornou-se o capoeirista mais ativo e respeitado da cidade. Em uma época de grande efervescência da capoeira em Janduís, Dadá liderava os treinos e conduzia as rodas no salão da Casa de Cultura, marcando um período de enorme participação popular. Foi presidente do grupo Ginga Faceira, surgido após o rompimento com a antiga associação Abadá Capoeira, e deixou sua marca como um dos maiores incentivadores dessa arte no município e região. Mestre Dadá continua até hoje sendo uma das grandes referências na Capoeira em Janduís e cidades circunvizinhas.

No teatro, integrou o Grupo Cultural Nhanduí, fundado por Ray Lima, e, com o tempo, passou por todos os grupos culturais que surgiram na cidade. Em 2006, com o desejo de reativar um grupo com novas possibilidades, foi um dos fundadores do Grupo Cultural Balai de Artes, sendo seu primeiro coordenador e referência artística. Também atuava com maestria como marcador de quadrilhas juninas, sendo presença indispensável nos festejos populares da cidade.

Sua trajetória religiosa também é marcada pela entrega e vocação. Ingressou por acaso no grupo de jovens da Igreja Católica, e, em seu primeiro encontro, foi surpreendido ao ser convidado a assumir a presidência do grupo — mesmo sem conhecer profundamente os dogmas da fé ou saber rezar. Aceitou o chamado com humildade e entusiasmo, tornando-se um grande mobilizador da juventude, capaz de atrair e engajar dezenas de jovens. Além disso, foi Ministro da Eucaristia, fundador do grupo de coroinhas e do grupo de perseverança, que orientava jovens no processo da primeira comunhão e na escolha de suas vocações dentro da igreja. Mais tarde, também se dedicou às práticas da Umbanda, recebendo entidades e auxiliando aqueles que buscavam caminhos espirituais.

Com carisma raro e dedicação incansável, Mestre Dadá construiu uma vida de doação, arte, espiritualidade e liderança. Seu legado atravessa gerações, permanecendo vivo nas rodas de capoeira, nas encenações teatrais, nos grupos de jovens, nos cortejos culturais e em cada ação que busca afirmar o valor da cultura popular e da fé como ferramentas de transformação social.

Seu nome é memória viva. Está gravado no compasso do berimbau, no eco das vozes que entoam versos de resistência, nas palmas ritmadas de uma roda que insiste em girar. Dadá não foi apenas um mestre: foi ponte entre mundos, entre o corpo e a alma, entre a tradição e o sonho, entre o sagrado e o popular. Hoje, a Fundação Cultural Aldair José de Lima - Mestre Dadá carrega não apenas seu nome, mas também seu espírito incansável de transformação. E cada vez que a cultura brota do chão de Janduís, é como se ele ainda estivesse ali — sorrindo, girando na roda, guiando com firmeza e ternura os passos de quem veio depois.

Severina Ferreira de Lima (In Memoriam)

Severina Ferreira de Lima, mais conhecida como Severina de Solon, foi uma mulher símbolo de perseverança, cuidado e resiliência no município de Janduís/RN. Nascida em 1948, no sítio Manga Velha, era filha de Francisco Solon e Cristina Ferreira de Lima. Ao longo da vida, acumulou muitos ofícios e dons: cantora, compositora, costureira, professora e artesã. Casou-se com Antônio Vieira de Lima, com quem teve cinco filhos: Marcos Lima, Ana Lima (in memoriam), Aldair José de Lima (in memoriam), Amilton Lima e Ana Célia de Lima.



A infância de Severina foi marcada por dificuldades. Desde muito cedo, lavava roupas para outras famílias em troca de alguns trocados, que usava para comprar seu próprio material escolar. Mesmo em tempos tão duros, ela se destacou por ser uma das poucas pessoas da cidade a completar a quinta série, o que mais tarde a levou a seguir o caminho da educação.

Durante a primeira gestão do então Prefeito Salomão Gurgel, o município necessitava de professores, e Severina se inscreveu em um programa de formação que habilitava moradores a lecionar no ensino fundamental e médio. Após a formação, deu início à sua vida docente na Escola Municipal Professor Leonel Cícero, onde dedicou mais de duas décadas ao ensino. Também lecionou no MOBREAL, programa de alfabetização de jovens e adultos do governo federal, dando aulas em sua própria casa. Em seus últimos anos como professora, trabalhou com carinho e dedicação no Jardim Escola Tia Alice.

Mãe dedicada, Severina trabalhou juntamente com o marido em uma fábrica de algodão para sustentar a casa, mas sempre buscou novas formas de garantir o sustento e a dignidade da família. Produzia painéis de barro, comidas típicas e artesanato com as próprias mãos, enquanto seu filho mais velho, Marcos Lima, ajudava nas vendas. Com o tempo, aprendeu a costurar roupas para os filhos, e, ao vê-los se envolverem com o movimento cultural da cidade, começou a produzir figurinos para os grupos de teatro e dança, como também para espetáculos como a Paixão de Cristo e o Auto de Natal. Sua habilidade e dedicação a tornaram uma referência na produção de figurinos artesanais.

Além disso, Severina de Solon também era compositora, tendo contribuído com jingles políticos para as campanhas de Salomão Gurgel, sendo presença constante nos palanques com sua voz marcante. Em casa, era comum ouvi-la cantar os clássicos da MPB enquanto o rádio tocava, gesto simples que marcou profundamente a vida de seus filhos — especialmente Marcos, que encontrou nela a maior inspiração para seguir o caminho da composição e da música popular.

Religiosa desde sempre, foi membro ativo da Legião de Maria e conduziu por muitos anos o grupo de peregrinação com a imagem da Padroeira Santa Teresinha. Após a morte de seu filho Aldair José de Lima (Mestre Dadá), Severina passou por uma profunda transformação espiritual. A dor se tornou

ponte, e sua mediunidade aflorou: passou a dialogar com entidades e conduzir encontros espíritos em sua casa, acolhendo pessoas que buscavam consolo e luz em tempos de luto e perda.

Severina de Solon viveu uma vida de entrega, fé e generosidade. Sua memória permanece viva na história de Janduís — nos figurinos bordados com amor, nos cantos que ecoavam da sua casa, nas mãos que ensinaram e nas palavras que acolheram. Mulher de muitas forças, deixou como herança o exemplo de uma vida vivida com dignidade, coragem e profunda devoção ao bem coletivo.

Narciso Fernandes de Souza (In Memoriam)

Narciso Fernandes de Souza, conhecido carinhosamente como Seu Narciso, foi agricultor, vaqueiro e pioneiro das corridas de argolinhas no município de Janduís/RN. Nascido em 1936, na comunidade rural Reforma, era filho de José de Souza e Francisca Apolinália Libória, e viveu toda a sua vida em conexão com o sertão, com o gado e com as tradições populares que definiram sua identidade.

Aos 27 anos, Seu Narciso conheceu de perto as corridas de argolinha - tradição cultural nordestina onde cavaleiros tentam, com uma vara, retirar argolas pequenas suspensas em postes enquanto estão montados a cavalo - quando passou a participar da prática em sua comunidade, ao lado do amigo Raimundo Burguês, responsável por trazer a atividade para a região. Com o tempo, encantado pela força simbólica da tradição, Narciso assumiu a continuidade das corridas quando Raimundo deixou de organizá-las, contando com o apoio de seu parceiro Franco. Inicialmente, os eventos aconteciam apenas na comunidade da Reforma, mas com seu segundo casamento, Narciso passou a organizar as corridas também na zona urbana de Janduís, levando a prática para a Rua da Floresta e, mais tarde, para a região próxima ao cemitério municipal, após o avanço das construções na cidade.

As corridas de argolinhas tornaram-se uma atração tradicional durante os festejos juninos, especialmente no mês de junho, e reuniam tanto os moradores da cidade quanto das zonas rurais vizinhas, num verdadeiro intercâmbio cultural que movimentava o município e reforçava os laços entre o campo e a cidade. Com o passar do tempo, e após um período sem realização, foi durante a gestão de Salomão Gurgel, no ano de 1983, que as corridas foram retomadas — agora integradas à programação da Festa da Padroeira, ganhando ainda mais visibilidade e reconhecimento.

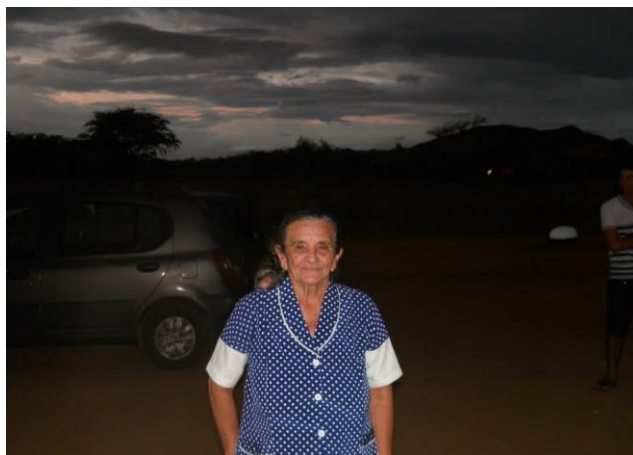
Nessa nova fase, Seu Narciso encontrou em Geodete um novo companheiro para manter viva a prática, e juntos mantiveram por muitos anos a tradição das corridas de argolinha, que se tornaram símbolo da cultura popular janduiense. O impacto de seu Narciso foi tão grande que municípios vizinhos passaram a replicar a prática, inspirados pelo exemplo de Janduís, fruto de seu trabalho, de seu amor e de sua resistência. Com o passar dos anos, o avanço de sua idade e problemas de saúde Narciso não conseguiu mais prosseguir com a realização da atividade, e após seu falecimento a tão famosa corrida de argolinha que por muitos anos encantou Janduís, fazia a alegria da população e dos vaqueiros que participavam deixou de ser realizada, mas seguiu permanecendo como uma página linda da história cultural de Janduís.

Seu Narciso foi mais que um vaqueiro ou agricultor — foi um guardião de memórias, um condutor de tradições e um elo entre gerações. Sua dedicação à cultura popular permanece na história da cidade, nos rastros das patas dos cavalos, nos gritos de incentivo à beira da pista e na lembrança viva de um homem que cavalgou pela cultura com coragem e paixão.



Francisca Antonina da Silva (In Memoriam)

Francisca Antonina da Silva, conhecida carinhosamente como Dona Nita Rezadeira, foi uma mulher de fé, força e profunda generosidade. Matriarca da tradicional família Cabral, agricultora por ofício e rezadeira por dom, Dona Nita se tornou uma das rezadeiras mais respeitadas da região, com influência marcante em Janduís, Campo Grande, Florânia e municípios vizinhos.



Natural de Florânia/RN, nasceu em um lar simples, filha de Estelita Brito Saldanha e Francisco Gabriel da Silva. Ainda pequena, viveu uma infância marcada por dificuldades, mas também por muito afeto. Seu avô, José Antonino Saldanha, trabalhador do coronel Quincas Saldanha, tentou levá-la para viver com ele, buscando melhores condições para a neta. No entanto, ao perceber o amor e a dedicação de seus pais, voltou atrás, permitindo que Nita crescesse sob o calor do lar materno — gesto que moldou ainda mais o coração afetuoso que ela viria a demonstrar por toda a vida.

Aos 14 anos de idade, apaixonou-se por José Cabral de Melo, com quem construiu uma vida inteira de parceria e acolhimento, criando com muito amor e esforço seus 12 filhos. Estabeleceu-se com sua família na região de Janduís, onde tornou-se referência de sabedoria ancestral e cuidado comunitário.

O dom da reza foi herdado de sua mãe, Estelita, também rezadeira, e surgiu como um desejo de proteger seus próprios filhos. Mas esse dom logo se expandiu para além dos muros da casa: Dona Nita passou a ser procurada por vizinhos, conhecidos e até pessoas de outros municípios, que reconheciam nela uma força especial. As crianças enfermas encontravam em seu colo um alívio quase imediato — não apenas pela reza certa, mas pelo toque humano, o olhar sereno, e o amor que ela dedicava a cada uma.

Sua casa, simples como ela, era um espaço sagrado, onde o cuidado espiritual se entrelaçava com o acolhimento materno. Quando percebia que não havia mais cura possível, orientava as famílias com firmeza e ternura, aconselhando-as a cuidar e amar seus pequenos até o fim — porque, segundo ela, o amor era também uma forma de cura, mesmo na despedida.

Dona Nita é lembrada com profunda admiração e saudade. Sua fé inabalável, seu conhecimento ancestral, seu serviço gratuito à comunidade e seu coração sempre aberto marcaram a história da Vila Cabral, do município de Janduís e também da região. Sua figura permanece viva na memória de todos que foram tocados por suas palavras, orações e bênçãos, como símbolo de resistência, espiritualidade e amor incondicional.

Dona Nita não curava apenas os males do corpo — curava dores da alma. Era um elo entre o céu e a terra, entre a simplicidade do sertão e a grandeza do sagrado. Seu legado permanece, silencioso e eterno, nas orações que continuam a ecoar por entre os ventos da nossa terra.